

## A criação mutante: *64-bits* de André Sier

A obra de André Sier tem-se caracterizado pela exploração de um princípio de transferência e mutação entre suportes analógicos, mecânicos e digitais. Sier constrói máquinas que se completam na correlação entre sistema mecânico, electrónico e digital ou na correlação entre utilizador, sistema digital e mecânico, pela extensão interactiva causada pelo *input* humano. As máquinas lêem e registam características naturais do local, assim como captam o movimento dos seus utilizadores, o espaço-entre.

As instalações *32-bit wind machine* e *32-bit difference machine* integram a série *uunniivveerrrssee.net*, uma nova cosmogonia abstracta que propõe aos utilizadores uma recriação do universo desde um *big bang* virtual. As duas instalações apresentadas na galeria who andaram na pegada do conceito deleuziano de “diferenciação”. Em *32-bit wind machine*, Sier usa dados *site-specific* da velocidade e direcção do vento em Lisboa. Os dados são recolhidos e publicados *on-line* em

<http://www.pachube.com/feeds/19842>. Sendo o único sensor de vento em Portugal registado neste domínio, comporta uma diferença em relação aos restantes utilizadores deste arquivo em tempo-real: os dados são reutilizados e transformados em imagens com uma preocupação estética. A nova visualização, activada pelo código programado para diferenciar as *frames*, provoca uma criação mutante. Através de um processo de diferenciação contínuo, o observador acompanha uma linha temporal macroscópica dos dados registados pelo sensor no telhado da galeria, assim como a construção progressiva de um buraco negro, onde se desenrola um jogo entre máquina e natureza, no qual os pontos cardeais são substituídos pelas quatro operações matemáticas elementares entre quatro números: a multiplicação, a adição, a divisão e a subtracção. Estas operações aritméticas remetem-nos para a linguagem máquina do código java e despoletam um novo valor simbólico e visual – o resultado. Em *32-bit difference machine*, a diferenciação visual causada pelo movimento dos utilizadores dentro da galeria e junto da sua entrada activa uma câmara que, por sua vez, activa um computador que activa um motor, jorrando tinta preta sobre a tela. Deste modo, a exposição ficará continuamente documentada, através da interacção dos utilizadores com a peça, em sete telas de 2,33 x 1,5 m, com desenhos irrepitíveis, que reforçam duas características fulcrais das instalações: a mutação (processo) e o resultado.

Ao nomear a exposição *64-bits*, André Sier coloca-nos numa sintonia irónica com o nosso presente tecnológico – a precisão de 64-bits da indústria informática –, como se uma adição entre duas instalações pudesse ter como resultado esse valor. Ao mesmo tempo, testando e questionando o limite de uma tecnologia – dado que *32-bit wind machine* opera um *reset* sempre que o resultado das operações atinge um limite fraccionário –, coloca-nos numa atonia com o passado: nos últimos dois milénios, a nossa precisão tecnológica terá evoluído tanto quanto queremos crer?

BYPASS